

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O envolvimento dos adolescentes no conflito conjugal: O
papel mediador da psicopatologia parental**

Catarina Andreia Duarte Fernandes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O envolvimento dos adolescentes no conflito conjugal: O
papel mediador da psicopatologia parental**

Catarina Andreia Duarte Fernandes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2017

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais a confiança e apoio incondicional. Obrigada por me ajudarem neste caminho e lutarem pelos meus estudos. Sem vocês nada disto era possível.

Ao Jacinto, pelo carinho e palavras motivadoras. Obrigada pela paciência, pelas horas que passaste a meu lado quando eu apenas dava atenção ao computador.

À Professora Doutora Marta Pedro, pela sabedoria, persistência e orientação ao longo do desenvolvimento deste estudo. Obrigada por acreditar em mim.

À minha avó, pela atenção e apoio. Pelo exemplo de força.

À Sandra e à Raquel, que partilharam o início deste projecto comigo. Obrigada pelo esforço e companheirismo.

À Rita, pela troca de desabafos, pelas palavras amigas e de motivação.

À Patrícia, Constança, Jéssica e Carolina, por compreenderem as minhas ausências. Agradeço a vossa amizade e apoio.

Ao Professor Pedro Rodrigues, pela disponibilidade, auxílio e conselhos.

Por fim, às famílias que participaram nesta investigação. Pela disponibilidade e partilha de um pouco das vossas vidas, que permitiu a realização deste estudo.

Resumo

O presente trabalho investigou a associação entre o conflito interparental e o envolvimento dos adolescentes no mesmo, analisando o papel mediador da psicopatologia de pais e mães nesta relação, incluindo sintomas de ansiedade, depressão e hostilidade. Foram ainda analisadas as diferenças entre rapazes e raparigas no envolvimento no conflito interparental. No estudo participaram 264 famílias, casadas ou em união de facto, constituídas por pai, mãe e filho adolescente (792 participantes). Foi aplicado o *Inventário de Sintomas Psicopatológicos* aos pais, de forma a avaliar a presença de sintomas de ansiedade, depressão e hostilidade. Para avaliar o conflito conjugal, foi aplicada a *O'Leary Porter Scale* que diz respeito à percepção dos pais relativamente à frequência com que o conflito conjugal ocorre na presença dos filhos. Com vista à análise do envolvimento no conflito conjugal através das dimensões da segurança emocional, os adolescentes responderam ao questionário *Security in the Interparental Subsystem Scales*. Os resultados indicam uma relação indirecta entre o conflito conjugal e o envolvimento dos filhos nesse mesmo conflito, mediada através da ansiedade do pai. Os resultados indicaram também uma associação directa entre o conflito e a psicopatologia parental, o que é consistente com a literatura existente; efeitos directos entre a psicopatologia parental (ansiedade e depressão) e o envolvimento no conflito; e ainda uma relação directa entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos. Não foram encontradas diferenças no envolvimento no conflito interparental para rapazes e raparigas.

Palavras-chave: conflito conjugal, conflito interparental, envolvimento, segurança emocional, psicopatologia parental, ansiedade do pai.

Abstract

The present study investigated the association between interparental conflict and the adolescent's involvement in it, analyzing the mediating role of the psychopathology of parents, including symptoms of anxiety, depression and hostility. The differences between boys and girls in the involvement in interparental conflict were also analyzed. The study involved 264 families, married or in non-marital partnership, made up of father, mother and adolescent son (792 participants). The *Inventory of Psychopathological Symptoms* was applied to the parents, in order to evaluate the presence of symptoms of anxiety, depression and hostility. To evaluate marital conflict, it was applied to *O'Leary Porter Scale* regarding parents' perception of the frequency with which marital conflict occurs in the presence of the children. In order to analyze the involvement in the conjugal conflict through the dimensions of emotional security, adolescents answered the questionnaire *Security in the Interparental Subsystem Scales*. The results indicate an indirect relation between the conjugal conflict and the adolescent's involvement, mediated through the anxiety of the father. The results also indicated a direct association between conflict and parental psychopathology, which is consistent with the existing literature; direct effects between parental psychopathology (anxiety and depression) and involvement in conflict; and a direct relationship between interparental conflict and the involvement of children. No differences were found in involvement in interparental conflict for boys and girls.

Key words: marital conflict, interparental conflict, involvement, emotional security, parental psychopathology, father's anxiety.

Índice Geral

Introdução.....	1
Enquadramento teórico.....	2
Envolvimento dos filhos adolescentes no conflito interparental	2
Conflito conjugal e psicopatologia: depressão, ansiedade e hostilidade	5
Psicopatologia parental e envolvimento dos filhos no conflito	7
O papel do género no envolvimento dos filhos adolescentes no conflito conjugal	7
Objectivos e hipóteses	8
Método.....	9
Participantes.....	9
Procedimento	9
Instrumentos.....	10
Análises Estatísticas.....	11
Resultados.....	12
Estatísticas descritivas	12
Análises de correlações.....	14
O papel mediador da psicopatologia parental.....	15
O papel moderador do sexo dos filhos.....	18
Discussão de Resultados.....	18
Limitações e Implicações Futuras.....	25
Referências Bibliográficas.....	26
ANEXOS.....	33
ANEXO A – Consentimento Informado	34
ANEXO B – Protocolo de Investigação – Versão Pais	36
ANEXO C – Protocolo de Investigação – Versão Filhos	40

Índice de Tabelas

Tabela I

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias das variáveis em estudo, em função do sexo dos participantes.....13

Tabela II

Intercorrelações entre conflito interparental, psicopatologia parental (ansiedade, depressão e hostilidade) e envolvimento dos filhos no conflito.....14

Tabela III

Análise multi-grupos para ansiedade, depressão e hostilidade parentais.....18

Índice de Figuras

Figura 1

Modelo estrutural da relação entre o conflito interparental, ansiedade de mães e pais e envolvimento dos filhos no conflito.....15

Figura 2

Modelo estrutural da relação entre o conflito interparental, depressão de mães e pais e envolvimento dos filhos no conflito.....16

Figura 3

Modelo estrutural da relação entre o conflito interparental, hostilidade de mães e pais e envolvimento dos filhos no conflito.....17

Introdução

A família é um sistema constituído por elementos emocionalmente ligados entre si (Carr, 2006). É composta por vários subsistemas, organizados de forma hierárquica, sendo que o subsistema parental encontra-se no topo (Minuchin, 1984).

A perturbação decorrente do conflito conjugal abala o sistema familiar, afectando o bem-estar do casal (e.g. Fincham, 2003; Heene, Buysse, & Van Oost, 2005; Choi & Marks, 2008) e transmitindo essa tensão para os filhos (Bradford et al, 2003; Buehler & Welsh, 2009). Estar envolvido no conflito interparental associa-se a sintomas de depressão e ansiedade (Buehler & Welsh, 2009), comportamentos de externalização (Bradford et al, 2003) e dificuldades na autonomização dos filhos (Kunz & Grych, 2013). Tendo em conta que o principal desafio durante a adolescência é a autonomia (Relvas, 1996) e que o envolvimento no conflito dificulta esse movimento (Kunz & Grych, 2013), este período assume particular importância na exploração do envolvimento no conflito conjugal.

Vários têm sido os estudos que procuram possíveis mediadores da relação entre o conflito-envolvimento para um melhor entendimento da mesma. Contudo o papel da psicopatologia parental na associação entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos está por explorar, sendo esse o principal foco deste estudo.

O estudo insere-se numa investigação mais vasta denominada Relações Familiares e Bem-Estar na Adolescência: Factores protectores e de risco em contexto de crise económica, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (Pedro & Francisco, 2013¹).

Seguidamente apresenta-se a dissertação de mestrado em formato de artigo científico.

¹ Investigação em curso

Enquadramento teórico

Nos últimos anos, vários estudos têm salientado os efeitos negativos do envolvimento dos filhos no conflito interparental no ajustamento sócio-emocional dos adolescentes, nomeadamente, ao nível de sintomas de depressão e ansiedade (Buehler & Welsh, 2009), comportamentos de externalização (Bradford et al, 2003) e dificuldades académicas (e.g. Harold, Aitken, & Shelton, 2007; Cummings, George, McCoy, & Davies, 2012).

Contudo, apesar de a investigação sobre o envolvimento dos adolescentes no conflito interparental ser uma área de estudos em crescente expansão, os mecanismos que poderão mediar a relação entre o conflito interparental e a triangulação dos adolescentes no conflito ainda se encontram por explorar. Em particular, a psicopatologia dos elementos do casal pode desempenhar um papel significativo nesta relação, considerando as inúmeras evidências empíricas que indicam que o conflito interparental influencia a saúde mental do casal, afectando o bem-estar de ambos (Fincham, 2003; Heene, Buysse, & Van Oost, 2005; Choi & Marks, 2008). No entanto, o papel da psicopatologia parental no envolvimento dos filhos no conflito interparental ainda se encontra por investigar.

Envolvimento dos filhos adolescentes no conflito interparental

De uma maneira geral, o envolvimento dos filhos no conflito interparental tem sido abordado na literatura através do conceito “triangulação”, o qual diz respeito ao processo através do qual os filhos são envolvidos no conflito interparental, sendo pressionados a tomar o partido de um dos pais contra o outro, criando assim uma coalisão com um dos progenitores (Minuchin, 1974; Buehler, Franck, & Cook, 2009; Pedro, Ribeiro & Shelton, 2012).

Neste sentido, a investigação tem indicado que o conflito interparental poderá estar relacionado com níveis elevados de triangulação dos filhos (Fosco & Grych, 2010). Embora seja uma forma disfuncional de lidar com o conflito interparental, o envolvimento dos filhos no conflito tem como objectivo a resolução das divergências entre os pais ou a difusão da tensão (Minuchin, 1974; Fosco & Grych, 2010). Para além de pretender diminuir o conflito interparental, a triangulação pode também envolver expectativas de que os filhos desempenhem um papel parental, ao tomar decisões e/ou

apoiar emocionalmente um dos pais (Jacobvitz & Bush, 1996; Fosco & Grych, 2010; Dallos, & Vetere, 2012), dificultando o apoio e a aceitação parentais, tão necessários para a segurança emocional dos filhos (Buehler, Franck & Cook, 2009).

Uma das teorias mais importantes para compreender as dinâmicas inerentes ao envolvimento dos filhos no conflito interparental, e respectivas repercussões no desenvolvimento dos mesmos, é a teoria da segurança emocional, de Davies e Cummings (1994). Os autores sugerem que a segurança emocional dos filhos resulta não só da qualidade da interacção com cada um dos progenitores mas também da qualidade da relação conjugal dos pais (Davies & Cummings, 1994; Davies & Woitach, 2008). Esta teoria, referencial teórico do presente estudo, postula assim a segurança emocional como uma variável mediadora através da qual se exercem os efeitos do conflito interparental no ajustamento sócio-emocional dos filhos (Davies & Cummings, 1994), organizando as suas experiências emocionais e formas de acção face ao conflito interparental (Davies, Winter, & Cicchetti, 2006).

Segundo a teoria da segurança emocional, os filhos que percebem a relação interparental como segura, estável e previsível, confiam na resolução do conflito conjugal sem constituir uma ameaça significativa para o seu bem-estar, percebendo os pais como emocionalmente disponíveis (Davies & Cummings, 1994). Por outro lado, quando os filhos percebem o conflito interparental como destrutivo, sentem uma maior insegurança, o que aumenta a motivação para diminuir esse sentimento. As experiências passadas com formas de conflito interparental destrutivo influenciam as reacções dos filhos nos conflitos presentes e conduzem a um aumento da activação emocional negativa e ainda de expectativas cognitivas negativas (Davies & Cummings, 1994).

A teoria da segurança emocional defende ainda que a exposição ao conflito conjugal vai activar nos filhos um sistema comportamental, com o objectivo de preservarem a sua segurança emocional, originando respostas ao conflito ao nível de três dimensões (Davies & Cummings, 1994): 1) reactividade emocional; 2) regulação da exposição ao afecto parental; 3) representações internas das relações interparentais. A reactividade emocional, diz respeito à tendência para uma expressão intensa, prolongada e desregulada de medo, vigilância e stress, em resposta ao conflito interparental (Davies & Cummings, 1994; Davies et al., 2002). Este estado de activação requer um grande

gasto de energia, deixando os filhos com poucos recursos para lidar com desafios, ameaças e stressores (Cummings, Cheung, & Davies, 2014), mesmo nas interações fora da família (Davies & Cummings, 1994). Por sua vez, a regulação da exposição ao afecto parental refere-se a comportamentos de evitamento ou envolvimento no conflito interparental, com o objectivo de regular o conflito (Buehler, Lange, & Franck, 2007). Estes movimentos de envolvimento no conflito surgem como forma de manter a segurança emocional dos filhos, diminuindo a curto prazo o stress e agressividade provocados pelo conflito. Contudo, a longo prazo, pode conduzir a padrões de acção disruptivos nos filhos (Davies & Cummings, 1994).

Por fim, as representações internas das relações interparentais dizem respeito à formação de cognições, baseadas em experiências passadas de conflito, que podem ser construtivas, destrutivas ou de spillover. Estas cognições são muito importantes na avaliação dos conflitos presentes, uma vez que permitem a avaliação da possível ameaça, relevância, razões, responsáveis, competências do próprio para lidar com a situação, etc. (Davies & Cummings, 1994, Davies et al, 2002). Tendo em conta estas três dimensões, são sinais de insegurança emocional a grande reactividade emocional, excessiva regulação à exposição do conflito e representações internas hostis das consequências do conflito conjugal para o bem-estar próprio e familiar (Davies & Cummings, 1994; Davies et al, 2015).

Uma vez que a exposição ao conflito interparental torna mais difícil para os filhos atingir e preservar a sua segurança emocional (Davies & Cummings, 1994; Davies Forman, Rasi, & Stevens, 2002), o envolvimento no conflito tem um impacto importante na saúde mental dos filhos (Cummings, Cheung, Koss, & Davies, 2014).

Neste sentido, vários estudos têm demonstrado uma ligação entre o conflito interparental, o envolvimento dos filhos no mesmo e desajustamento sócio-emocional nos adolescentes (Grysh, Raynor, & Fosco, 2004; Franck & Buehler, 2007). A investigação indica que a triangulação é um factor de risco para o desenvolvimento dos adolescentes (Buehler & Welsh, 2009), encontrando-se positivamente associada a problemas de internalização, tais como ansiedade e depressão (Buehler & Welsh, 2009), e problemas de comportamento (Bradford et al, 2004; Grysh, Raynor & Fosco, 2004). Existem ainda evidências de que a triangulação é mediadora da associação entre o

conflito e os problemas sentidos pelos filhos adolescentes (Grysh, Raynor, & Fosco, 2004; Franck & Buehler, 2007).

De salientar que as evidências demonstram que os sintomas tendem a aumentar ao longo dos anos (Wang & Crane, 2001; Buehler & Welsh, 2009), o que sugere uma deterioração do bem-estar dos adolescentes ao longo do tempo.

Conflito conjugal e psicopatologia: depressão, ansiedade e hostilidade

A relação conjugal tem sido apontada por vários investigadores como um factor fundamental para o bem-estar do indivíduo (Dush & Amato, 2005; Proulx, Helms, & Buehler, 2007; Be, Whisman, & Uebelacker, 2013). Estar envolvido numa relação romântica de compromisso está relacionado com um aumento do bem-estar subjectivo dos indivíduos, proporcionando companheirismo, sentido de pertença e suporte emocional (Dush & Amato, 2005; Driver & Gottman, 2005), permitindo ainda o desenvolvimento de um sentido e objectivos de vida (Fincham & Beach, 2010).

Desta forma, e sendo a relação conjugal tão importante para o indivíduo, é esperado que a existência de problemas nesta relação, nomeadamente, a presença de conflito, tenham efeitos negativos relevantes para o bem-estar individual dos elementos do casal (Williams, 2003), podendo levar ao aparecimento de perturbações psiquiátricas (Whisman, 2007). A investigação apoia esta ideia, demonstrando que o conflito conjugal é um factor de risco significativo para a saúde mental dos indivíduos (Fincham, 2003; Choi & Marks, 2008), podendo conduzir ao aparecimento de vários sintomas de psicopatologia, dos quais se destacam a ansiedade, a depressão e a hostilidade nos elementos do casal (e.g. Fincham, 2003; Whisman, 2007; Choi & Marks, 2008). Mais concretamente, a literatura demonstra que níveis elevados de conflito conjugal estão associados ao aumento de sintomatologia ansiosa (Cummings, Cheung, Koss, & Davies, 2014; El-Sheikh, Kelly, & Rauer, 2013), podendo conduzir ao desenvolvimento de várias perturbações de ansiedade, entre as quais a perturbação de ansiedade generalizada (Whisman, 2007). Por exemplo, num estudo com 135 casais em que os elementos do casal foram avaliados individualmente, verificou-se que níveis elevados de conflito estavam relacionados com níveis elevados de ansiedade (El-Sheikh, Kelly, & Rauer, 2013). A forma como o conflito se expressa também é importante, sendo que certas estratégias de conflito, como o afastamento, parecem co-ocorrer com níveis elevados de ansiedade e depressão (Papp, Goeke-Morey &

Cummings, 2007). Importa ainda referir que esta relação entre o conflito conjugal e a ansiedade parece não ser moderada nem pelo sexo nem pela idade dos parceiros (Whisman, 2007).

A investigação aponta ainda para a associação entre o conflito conjugal e a depressão. Estudos demonstram que problemas na relação de casal, stress conjugal e sintomas depressivos tendem a co-ocorrer (e.g., Du Rocher Schudlich, Papp, & Cummings, 2011; Fincham, 2003; Heene, Buysse, & Van Oost, 2005; Whisman & Beach, 2012), afectando o bem-estar psicológico tanto de mulheres como de homens (Williams, 2003; Heene, Buysse, & Van Oost, 2005). Num estudo longitudinal de Davila, Karney e Bradbury (2003), com cerca de 164 casais, avaliados durante 4 anos, constatou-se que a existência de conflito conjugal provocava um aumento dos sintomas depressivos, embora estes não seguissem um padrão sistemático, flutuando ao longo da duração da relação. Há ainda evidências de que os sintomas depressivos tendem a agravar-se em relações longas, quando o conflito se mantém (Williams, 2003; Hawkins & Booth, 2005; Choi & Marks, 2008). Desta forma, o casal pode cair num ciclo vicioso, no qual o conflito conduz a sintomatologia depressiva, que por sua vez leva à continuidade do conflito, uma vez que indivíduos depressivos tendem a demonstrar menos capacidades de ajustamento e resolução de problemas (Heene, Buysse, & Van Oost, 2005).

Outra variável importante ao nível da psicopatologia parental é a hostilidade. Embora a associação entre conflito conjugal e hostilidade não tenha sido tão estudada como a ligação entre o conflito, a ansiedade e a depressão, existem evidências que sugerem que níveis elevados de conflito conjugal estão relacionados com níveis elevados de hostilidade, no sexo masculino (Newton, Kiecolt-Glaser, Glaser & Malarkey, 1995). Essa hostilidade está associada a comportamentos como expressão de criticismo, desacordo e interromper a parceira (Newton, Kiecolt-Glaser, Glaser & Malarkey, 1995). Contudo, Baron e colaboradores (2007), num estudo realizado com 122 casais, durante 18 meses, demonstraram que a presença de níveis elevados de cognições hostis e traço de raiva nas mulheres estava associada ao aumento do conflito conjugal, reportado tanto pelas mulheres como pelos homens. Estas evidências sugerem que a hostilidade e raiva da mulher podem ser preditoras do declínio na relação de casal (mas não a hostilidade e raiva do marido).

Psicopatologia parental e envolvimento dos filhos no conflito

Visto que a relação entre o envolvimento no conflito parental e o desajustamento dos filhos tem sido largamente comprovada na literatura, mais recentemente os investigadores têm-se focado em perceber esta relação através dos seus mediadores. Estando a psicopatologia parental tão fortemente associada ao conflito conjugal, faz sentido considerar esta variável como um possível mediador da relação entre o conflito conjugal e o envolvimento dos filhos no conflito.

Embora a investigação se tenha focado na associação entre a psicopatologia parental e o conflito conjugal (Franck & Buehler, 2007), a relação entre a psicopatologia parental e o envolvimento dos filhos no conflito interparental ainda se encontra por explorar.

O papel do género no envolvimento dos filhos adolescentes no conflito conjugal

A literatura refere ainda a existência de possíveis diferenças entre rapazes e raparigas, ao nível do envolvimento no conflito conjugal. Alguns estudos indicam que as raparigas têm maior tendência para mediar o conflito interparental do que os rapazes (e.g., Shelton, Harold, Goeke-Morey, & Cummings (2006), sendo por isso mais vulneráveis ao conflito e ao envolvimento no mesmo (Jacobvitz & Bush, 1996). Tal poderá estar relacionado com pressão social que impele as raparigas para uma maior proximidade e preocupação nas relações próximas, assim como maior sensibilidade aos problemas interpessoais (Amato & Afifi, 2006; Elizur et al, 2007), quando comparadas com os rapazes, que tendem a ter preocupações mais individualistas.

No entanto, por outro lado, há também evidências de que o envolvimento no conflito interparental é um factor de risco no desenvolvimento tanto de rapazes como de raparigas (Buehler, Franck, & Cook, 2009), havendo autores que defendem que, embora os rapazes não sejam tão sensíveis ao conflito interparental, a relação com os pais tem a mesma influência para filhos e filhas (Elizur et al., 2007). Estas inconsistências na literatura ao nível do papel do sexo dos filhos no envolvimento no conflito conjugal salienta a necessidade de mais estudos que avaliem estas variáveis.

Objectivos e hipóteses

Os objectivos principais deste estudo são os seguintes: (1) Testar o papel mediador da psicopatologia parental – ansiedade, depressão e hostilidade – na relação entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos adolescentes no conflito, (2) Analisar as associações entre o conflito conjugal, a psicopatologia parental – ansiedade, depressão e hostilidade – e o envolvimento dos filhos adolescentes no conflito; (3) Analisar o papel moderador do sexo dos filhos na relação entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos adolescentes no conflito.

Desta forma, tendo em conta as evidências dos estudos anteriormente mencionados, considero as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Os indicadores de psicopatologia parental (ansiedade, depressão e hostilidade) irão mediar a relação entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos no mesmo, para pais e mães.

Hipótese 1a: O conflito interparental estará positivamente associado aos indicadores de psicopatologia parental, para pais e mães.

Hipótese 1b: Os indicadores de psicopatologia parental estarão positivamente associados ao envolvimento dos filhos no conflito, para pais e mães.

Hipótese 2: O conflito interparental estará directamente relacionado com o envolvimento dos filhos no conflito.

Hipótese 3: As raparigas serão mais envolvidas no conflito interparental do que os rapazes.

Método

Participantes

Este estudo foi realizado no âmbito da investigação: “Relações familiares e bem-estar na adolescência: factores protectores e de risco em contexto de crise económica” (Pedro & Francisco, 2013).

A amostra era constituída por 264 famílias (792 participantes), residentes em Portugal, sendo os agregados familiares compostos por pai, mãe e filho adolescente, seleccionados segundo os seguintes critérios: (1) casais heterossexuais casados ou em união de facto há pelo menos dois anos; (2) casais com filhos a frequentarem o 2º ou 3º ciclo do ensino básico de escolaridade ou o ensino secundário; (3) ambos os elementos do casal tinham de preencher o protocolo de investigação; (4) capacidade para ler e escrever em português.

Em relação aos filhos, a amostra compreendia 112 rapazes (42,4%) e 152 raparigas (57,6%), com idades compreendidas entre os 11 e os 21 anos ($M=15,1$, $SD=0,120$). Quando ao nível de escolaridade, os filhos apresentavam entre 6 a 12 anos de escolaridade ($M=9,69$), encontrando-se 42,2% no ensino básico e 57,8% no ensino secundário.

A amostra dos progenitores era composta por mães entre os 29 e os 58 anos ($M=44,31$, $SD=0,321$) e pais entre os 30 e os 78 anos ($M=46,43$, $SD=0,389$), com habilitações literárias entre o 4ºano de escolaridade e pós-licenciatura, tendo a maioria o ensino secundário (37,6% para as mães e 30,2% para os pais). Em relação à situação laboral actual, a maioria trabalhava por conta de outrem (72,7% para as mães e 71,3% para os pais).

Procedimento

Os participantes foram recrutados através do método de “bola de neve”, por intermédio de contactos individuais realizados pelas alunas de mestrado integrado. Antes de preencher os questionários, os pais leram e assinaram o consentimento informado, sabendo que iriam participar num estudo sobre o impacto da crise económica na relação conjugal e nas interacções pais-filhos. Os questionários foram entregues às famílias em três envelopes (um para o filho, um para o pai e outro para a mãe). As famílias foram instruídas para preencherem os questionários de forma

individual. De modo a garantir o anonimato dos participantes, os protocolos de investigação solicitavam apenas um sistema de codificação familiar, permitindo a agregação dos questionários de uma família. De modo a esclarecer eventuais dúvidas, foi fornecido o contacto do investigador principal. Os questionários foram depois entregues pelos pais às mestrandas responsáveis pela recolha.

Instrumentos

Psicopatologia parental. A presença de psicopatologia parental foi avaliada através de 3 subescalas do Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI; Derogatis, 1993; versão portuguesa de Canavarro, 1999), avaliadas numa escala de Likert em que 1 (Nunca) e 5 (Muitíssimas vezes): a subescala *Ansiedade*, composta por 6 itens (e.g., “Nervosismo ou tensão interior”), a subescala *Depressão*, constituída por 6 itens (e.g., “Sentir-se triste”), e a subescala *Hostilidade*, com 5 itens (e.g., “Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém”). Os dados foram obtidos separadamente, tanto para pais como para mães. O nível de consistência interna é adequado em todas as escalas, respectivamente: Depressão ($\alpha = .85$, $\alpha = .88$); Ansiedade ($\alpha = .83$, $\alpha = .86$); e Hostilidade ($\alpha = .83$, $\alpha = .85$).

Conflito conjugal. Para avaliar o conflito conjugal, foi aplicada a O’Leary Porter Scale (OPS, O’Leary & Porter, 1980; Versão Portuguesa: EHP, Pedro & Francisco, 2014), que avalia a percepção dos pais relativamente à frequência com que o conflito conjugal ocorre na presença dos filhos. As questões são respondidas com base numa escala de Likert de 1 (Nunca) a 5 (Muito frequentemente). A escala inclui 10 itens acerca da frequência com que ocorre agressão verbal e física (e.g., “Em todos os casamentos normais há discussões. Que percentagens de discussões entre si e o/a seu/sua companheiro/a diria que acontecem em frente a este/a filho/a?”), da frequência com que os pais discutem sobre assuntos relacionados com hábitos do cônjuge (e.g. “Com que frequência é que reclama com o/a seu/sua companheiro/a acerca dos vícios pessoais dele/dela em frente a este(a) filho(a)?”) e relacionados com a disciplina (e.g. “Maridos e mulheres discutem frequentemente sobre como educar os filhos. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) discutem sobre a educação dos filhos à frente deste(a) filho(a)?”). A escala apresenta níveis de consistência interna adequados para homens ($\alpha = .78$) e para mulheres ($\alpha = .79$).

Envolvimento no conflito interparental. O envolvimento no conflito interparental foi avaliado através do instrumento Security in the Interparental Subsystem Scales (Davies et al., 2002; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2013), que tem como objectivo avaliar como os filhos preservam a segurança emocional perante o conflito parental. As questões são respondidas com base numa escala de Likert de 1 (Nada verdade para mim) a 4 (Muito verdade). Os itens dividem-se em 3 dimensões: reactividade emocional (12 itens), regulação da exposição ao afecto parental (13 itens) e representações internas das relações interparentais (12 itens). A dimensão reactividade emocional, composta pela reactividade emocional e pela desregulação comportamental, informa sobre a frequência, o prolongamento e a expressão da desregulação ao conflito dos pais, sendo indicador de sentimentos de angústia, tristeza e medo (e.g., “Quanto os meus pais discutem sinto-me triste”). A dimensão da regulação da exposição ao afecto parental concentra-se no evitamento e no envolvimento nos problemas parentais (e.g., “Quando os meus pais têm uma discussão, tendo resolver os problemas por eles”). Quanto às representações internas das relações interparentais, constituídas pelas representações familiares construtivas, destrutivas e de spillover do conflito, abordam as consequências do conflito parental para o bem-estar do jovem e da sua família (e.g., “Quando os meus pais têm uma discussão sei que mesmo assim eles gostam um do outro”). As escalas apresentam níveis de consistência interna adequados: α reatividade emocional =.82, α regulação da exposição ao afeto parental =.74 e α representações internas das relações interparentais =.79.

Análises Estatísticas

Numa primeira fase, foi analisado o padrão de correlações entre as variáveis, através do *software* estatístico SPSS Statistics 23. Seguidamente, os modelos de mediação propostos nas Figuras 1, 2 e 3 foram testados através da Análise de Equações Estruturais (SEM - *Structural Equation Modeling*), utilizando o *software* AMOS 23 (Arbuckle, 2012). A avaliação do ajustamento do modelo aos dados foi realizada com base na análise dos seguintes índices de ajustamento: o qui-quadrado (χ^2), o *comparative fit index* (CFI) e o *root-mean-square error of approximation* (RMSEA). Segundo Hu e Bentler (1999), valores de CFI > .95 e de RMSEA < .06 indicam um bom ajustamento do modelo aos dados. Por último, com recurso à análise multi-grupos, analisou-se o papel moderador do sexo dos filhos.

Resultados

Estatísticas descritivas

Os resultados médios da psicopatologia parental (ansiedade, depressão e hostilidade) e do conflito interparental, reportados por mães e pais, bem como os respectivos desvios-padrão, são apresentados na Tabela I, separados em função do sexo dos participantes. São também apresentados os resultados do teste de diferenças de médias de T-Student. No que diz respeito à psicopatologia parental, verificou-se que as mães apresentam médias significativamente superiores aos pais ao nível de Ansiedade, Depressão e Hostilidade. Quanto à variável conflito interparental, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Relativamente aos adolescentes, não foram encontradas diferenças entre médias estatisticamente significativas em nenhuma das variáveis em estudo.

Tabela I. Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias, em função do sexo dos participantes ($N = 792$)

Variável	Amplitude	Mãe (N=264)		Pai (N=264)		Raparigas (N=152)		Rapazes (N=112)		<i>t</i>
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Psicopatologia parental										
Ansiedade	1-5	1.90	.78	1.70	.61	—	—	—	—	3.65****
Depressão	1-5	1.97	.85	1.70	.67	—	—	—	—	4.96****
Hostilidade	1-5	1.93	.78	1.78	.63	—	—	—	—	2.85****
Conflito interparental	1-5	2.2	.49	2.17	.5	—	—	—	—	1.11
Envolvimento no conflito interparental										
Reactividade Emocional	1-4	—	—	—	—	1.84	.59	1.75	.49	-1.31
Representações Internas	1-4	—	—	—	—	2.27	.40	2.19	.41	-1.6
Regulação da exposição ao afecto parental	1-4	—	—	—	—	2.34	.51	2.27	.52	-1.06

Nota. *** $p < .005$; **** $p < .001$.

Análises de correlações

Na Tabela II apresentam-se as correlações entre as variáveis estudadas, bem como as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão). Relativamente ao conflito interparental, verificaram-se correlações positivas moderadas entre o conflito e os indicadores de psicopatologia parental (ansiedade, depressão e hostilidade), tanto para pais como mães. Não se verificou uma correlação significativa entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos no conflito.

Foram ainda observadas correlações positivas entre os indicadores de psicopatologia (ansiedade, depressão e hostilidade), tanto para pais como para mães. No que diz respeito à depressão, verificou-se uma correlação moderada entre a depressão reportada pelas mães e pelos pais. Quanto à hostilidade, segue um padrão semelhante, existindo uma correlação moderada entre a hostilidade sentida pelas mães e pelos pais.

No que diz respeito a correlações entre os indicadores de psicopatologia parental e o envolvimento dos filhos no conflito interparental, observaram-se correlações positivas fracas entre os indicadores de psicopatologia materna (ansiedade, depressão e hostilidade) e o envolvimento dos filhos no conflito, ao passo que não se observaram correlações significativas entre a psicopatologia paterna e o envolvimento dos filhos no conflito interparental.

Tabela II. *Intercorrelações entre conflito interparental, psicopatologia parental (ansiedade, depressão e hostilidade) e envolvimento dos filhos no conflito (N=792)*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Conflito Interparental	—							
2. Ansiedade Mãe	.18**	—						
3. Depressão Mãe	.18**	.83**	—					
4. Hostilidade Mãe	.28**	.80**	.77**	—				
5. Ansiedade Pai	.28**	.18**	.18**	.18**	—			
6. Depressão Pai	.31**	.27**	.31**	.26**	.77**	—		
7. Hostilidade Pai	.33**	.28**	.27**	.33**	.73**	.71**	—	
8. Envolvimento no conflito	.10	.19**	.18**	.12*	.05	.05	.06	—

Nota. **.p <.01; *.p <.05

Depressão

Ajustamento do modelo aos dados: Os índices de ajustamento revelaram que o modelo conceptual proposto é adequado aos dados: χ^2 (57, N=264) = 137.82, $p < .001$, CFI = .92, RMSEA = .07.

Efeitos directos: Os resultados indicaram a existência de efeitos directos entre o conflito interparental e a depressão reportada pelos pais ($\beta = .30$, $p < .05$) e pelas mães ($\beta = .23$, $p < .05$). Foram ainda encontrados efeitos directos entre a depressão percebida pelas mães e o envolvimento dos filhos no conflito interparental ($\beta = .26$, $p < .05$), mas não entre a depressão reportada pelos pais e o envolvimento dos filhos no conflito ($\beta = -.05$, $p > .05$).

Efeitos indirectos. Os resultados não indicaram a presença de efeitos indirectos significativos para este modelo ($\beta = .04$, $p > .05$).

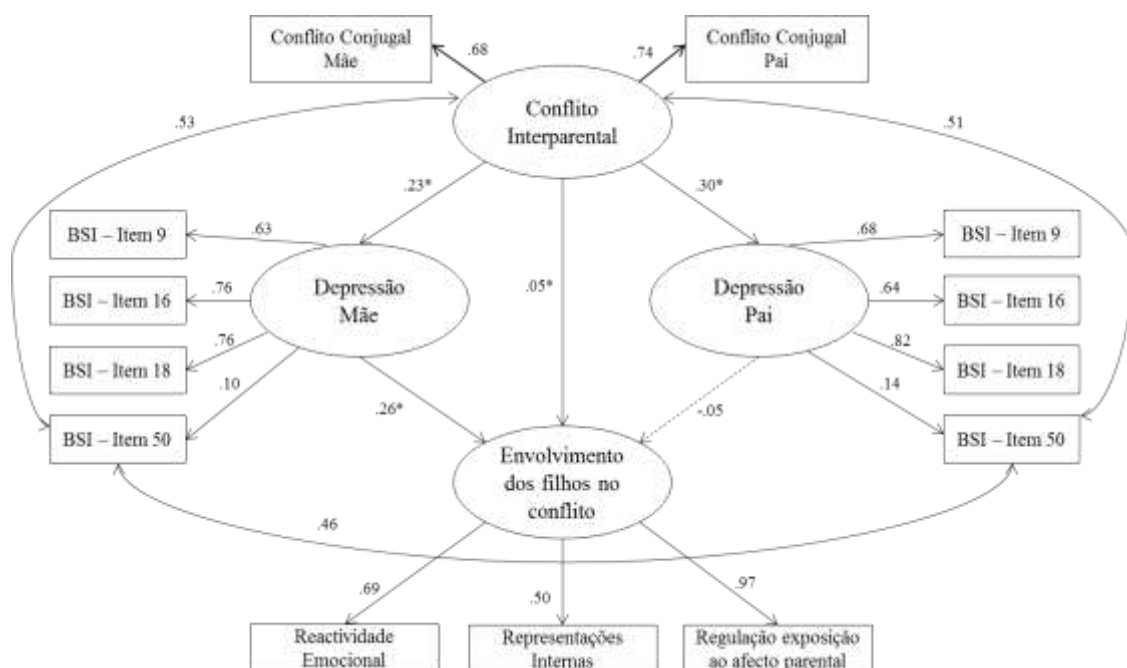


Figura 2. Modelo estrutural da relação entre o conflito interparental, depressão de mães e pais e envolvimento dos filhos no conflito.

Hostilidade

Ajustamento do modelo aos dados: Os índices revelaram um bom ajustamento do modelo proposto aos dados: χ^2 (59, N=264) = 97.77, $p < .001$, CFI = .96, RMSEA = .05.

Efeitos directos: Os resultados indicaram a existência de efeitos directos entre o conflito interparesntal e a hostilidade reportada tanto pelos pais ($\beta = .35$, $p < .05$) como pelas mães ($\beta = .24$, $p < .05$). Não se verificaram efeitos significativos entre a hostilidade e o envolvimento dos filhos no conflito ($\beta = -.08$, $p > .05$).

Efeitos indirectos: Os resultados não indicaram a presença de efeitos indirectos significativos para este modelo ($\beta = .003$, $p > .05$).

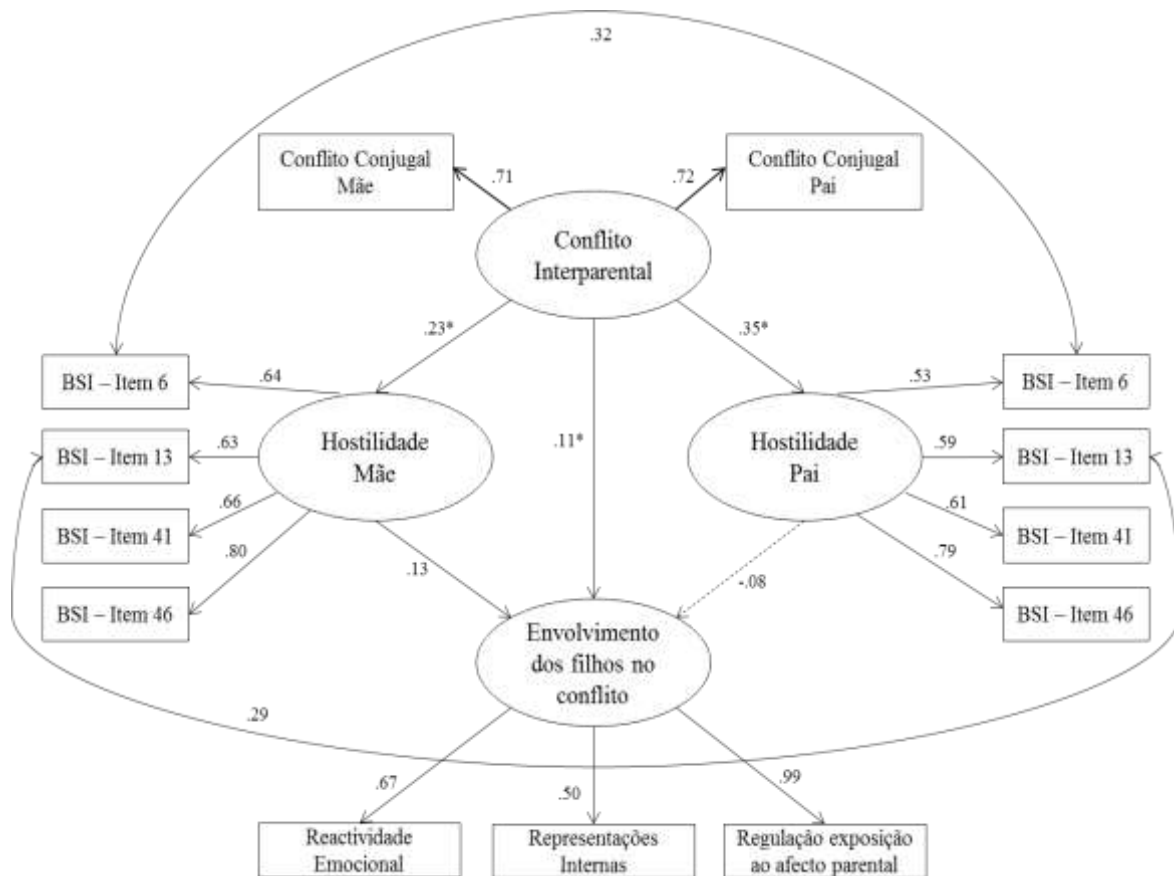


Figura 3. Modelo estrutural da relação entre o conflito interparesntal, hostilidade de mães e pais e envolvimento dos filhos no conflito.

O papel moderador do sexo dos filhos

Posteriormente, com recurso à análise multi-grupos, analisou-se se o padrão de associações entre o conflito interparental, a psicopatologia dos pais (ansiedade, depressão e hostilidade) e o envolvimento dos filhos no conflito interparental variavam tendo em conta o sexo dos filhos. Com este objectivo, cada um dos três modelos (ansiedade, depressão e hostilidade) foi estimado simultaneamente para rapazes e raparigas. A significância estatística da diferença dos modelos foi calculada com o teste do χ^2 . Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos para nenhum dos modelos testados.

Tabela III. *Análise multi-grupos (Rapazes N=112; Raparigas N=152) para ansiedade, depressão e hostilidade parentais.*

Modelos	χ^2	gl	$\Delta\chi^2$	Δgl
1. Ansiedade				
Modelo livre	312.89	181	—	—
Modelo constrangido	297.58	170	15.31	11
2. Depressão				
Modelo livre	332.75	129	—	—
Modelo constrangido	323.99	120	8.76	9
3. Hostilidade				
Modelo livre	203.90	129	—	—
Modelo constrangido	193.39	120	10.51	9

Discussão de Resultados

O presente trabalho pretendeu investigar a associação entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos no mesmo, analisando o papel mediador da psicopatologia parental nesta relação, incluindo sintomas de ansiedade, depressão e hostilidade, de pais e mães. Procurou-se ainda contribuir para um conhecimento mais aprofundado da associação entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos no mesmo, testando o papel moderador do sexo dos filhos na relação entre estas variáveis.

H1. Os indicadores de psicopatologia parental (ansiedade, depressão e hostilidade) irão mediar a relação entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos no mesmo, para pais e mães.

Embora fosse esperado a ocorrência de mediação para os três modelos testados, apenas se observou a existência de mediação através da ansiedade dos progenitores, mas não através da depressão e da hostilidade. Em particular, os resultados indicaram a existência de efeitos indirectos entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos no mesmo, através da ansiedade paterna, mas não através da ansiedade materna.

Uma possível explicação para este resultado, relativo ao papel mediador da ansiedade paterna na relação conflito-envolvimento, pode estar relacionada com diferenças de género na manifestação de sintomas de ansiedade. Perante situações de stress, os homens tendem a exibir respostas de luta ou fuga (Taylor et al., 2000; Verma, Balhara, & Gupta, 2011). Tendo em conta a resposta de luta, a ansiedade masculina pode manifesta-se, assim, através de comportamentos agressivos (Verma, Balhara, & Gupta, 2011) e de maior externalização da irritação (Kiliç, Ozguven & Sayil, 2003), que podem contribuir para a diminuição do envolvimento dos filhos no conflito conjugal, como movimento de protecção face à possível agressividade do pai. Quando à resposta de fuga, os homens podem também lidar com a ansiedade através de estratégias de evitamento (Cummings, Merrilees & George, 2010), evitando interações familiares e mesmo afastando-se das esposas, o que pode conduzir também à diminuição do envolvimento dos filhos no conflito. Por outro lado, perante situações de stress, as mulheres têm tendência para o cuidado e protecção do outro (Taylor et al., 2000, Verma, Balhara, & Gupta, 2011). Desta forma, os filhos podem ser favorecidos nesta situação, sendo que a protecção das mães pode conduzir a um menor envolvimento dos filhos no conflito dos pais.

Apesar de se terem verificado efeitos directos entre o conflito e a ansiedade materna e paterna, o efeito entre o conflito e a ansiedade materna revelou-se menor do que o efeito entre o conflito e a ansiedade paterna. Esta evidência é consistente com estudos que indicam que os homens são fisiologicamente mais reactivos em situações de stress (e.g. Gottman & Levenson, 1988; McLean & Anderson, 2009;), sendo mais afectados pelo conflito conjugal do que as mulheres (e.g. Gottman & Levenson, 1988; Bradbury & Fincham, 1992; Heavey et al., 1993). Gottman e Levenson (1988)

defendem que a maior vulnerabilidade masculina ao conflito conjugal deve-se à rápida escalada de activação fisiológica nos homens durante o conflito. A resposta masculina de evitamento tem, assim, uma função protectora relativamente ao desconforto provocado pela activação fisiológica resultante de interacções conflituosas com a esposa (Gottman e Levenson, 1988).

De salientar ainda a maior capacidade que as mulheres têm para não transmitir a tensão vivida no casal para a vida familiar em geral e para as interacções com os filhos. Designa-se por hipótese de *spillover*, o processo pelo qual as emoções, atitudes e comportamentos originados no subsistema conjugal são transferidos para o sistema parental (Erel & Burman, 1995; Krishnakumar & Buehler, 2000). As evidências demonstram que existe maior transmissão de tensão vivida no sistema conjugal de pais para filhos do que de mães para os filhos (Stroud, Durbin, Wilson, & Mendelsohn, 2011). Estes dados poderão explicar a ocorrência de mediação entre o conflito e o envolvimento dos filhos através da ansiedade do pai, mas não através da ansiedade da mãe.

Outra possível explicação para a diminuição do envolvimento dos filhos no conflito na presença de ansiedade paterna, mas não de ansiedade materna poderá estar relacionada com os sintomas de ansiedade especificamente analisados neste estudo. Em particular, os sintomas referentes aos itens utilizados para avaliar a ansiedade (e.g. “Ter um medo súbito sem razão para isso”, “Ter ataques de terror ou pânico”), podem corresponder a comportamentos que transmitem uma imagem de vulnerabilidade do pai para os filhos, quando socialmente é esperado que os homens sejam “fortes” e contenham as suas emoções (Biaggio & Nielsen, 1976), não demonstrando fraqueza. Essa imagem pode ser inconsistente com o estereótipo de género masculino, ainda presente na sociedade portuguesa e nos países latinos em geral, sendo possível que crie um estado de perplexidade e alguma confusão nos filhos. Estes podem preferir assim afastar-se do conflito conjugal por não conseguirem lidar com a situação de vulnerabilidade do pai, deixando a resolução da situação a cargo dos adultos.

Quanto aos resultados relativamente aos modelos de depressão e hostilidade, os dados sugerem que não existe mediação. Uma possível explicação prende-se com o facto de as famílias envolvidas neste estudo apresentarem níveis mais baixos de psicopatologia parental. Os itens associados a depressão (e.g. “Pensamentos de acabar

com a vida”) e hostilidade (e.g. “Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém”) remetem para sintomas mais graves do que para a ansiedade, sendo que esta amostra dita “normativa” e não clínica, pode ser pouco representativa para avaliar estas dimensões da forma como foram identificadas pelos itens.

H1a. O conflito interparental estará positivamente associado aos indicadores de psicopatologia parental, para pais e mães.

Verificou-se, como esperado, a existência de efeitos directos entre a presença de conflito na relação de casal e sintomas de psicopatologia nos indicadores avaliados – ansiedade, depressão e hostilidade – tanto para pais como para mães, confirmando assim esta hipótese.

Estes resultados são consistentes com vários estudos que evidenciam o papel negativo do conflito conjugal no bem-estar e saúde psicológica dos elementos do casal (e.g. Fincham, 2003; Choi & Marks, 2008), conduzindo ao aparecimento de sintomas de ansiedade (e.g. Whisman, 2007), depressão (e.g. Cummings, Cheung, Koss, & Davies, 2014) e hostilidade (e.g. Baron, Smith, Butner, Nealey-Moore, Hawkins, & Uchino, 2007). Estes dados salientam assim a importância das relações de casal para o bem-estar dos indivíduos (e.g. Dush & Amato, 2005; Proulx, Helms, & Buehler, 2007), sendo por isso relevante considerar a sua influência na avaliação e intervenção psicológica também a nível individual.

H1b: Os indicadores de psicopatologia parental estarão positivamente associados ao envolvimento dos filhos no conflito, para pais e mães.

Os resultados demonstraram a existência de efeitos directos entre a ansiedade e a depressão e o envolvimento dos filhos no conflito, mas não entre a hostilidade e o envolvimento.

Embora os dados relativamente ao modelo de hostilidade sejam inesperados, uma possível explicação para a não associação entre a hostilidade parental e o envolvimento dos filhos no conflito pode ter a ver com a agressividade expressa nos itens avaliados (e.g. “Ter impulsos que não se podem controlar”, “Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém”). Este tipo de hostilidade, sendo mais perigosa para o bem-estar dos filhos, pode explicar o não envolvimento dos mesmos no conflito

interparental, levando-os a afastarem-se de forma a se protegerem de possíveis agressões.

Relativamente à sintomatologia depressiva, os resultados indicaram a existência de efeitos directos entre a depressão materna e o envolvimento dos filhos no conflito interparental, mas não para a depressão paterna. Este resultado é consistente com evidências que demonstram o impacto significativo da depressão materna no comportamento dos filhos (e.g. Goodman et al, 1993; Cummings & Davies, 1994; Evans et al, 2009) e parecem reforçar o papel de cuidadora principal que a mulher ainda ocupa no funcionamento familiar (Craig, 2006). A depressão pode deixar as mães menos disponíveis ou mesmo incapazes de desempenhar o seu papel, o que coloca em risco o funcionamento familiar. Deste modo, é possível que os filhos se envolvam no conflito, protegendo as mães, para que estas se sintam apoiadas e capazes de continuar a desempenhar o seu papel de cuidadoras, assegurando assim o funcionamento familiar. Este resultado poderá ainda estar relacionado com um processo de parentificação, que se define como um padrão de interações familiar no qual o filho assume responsabilidades e funções parentais (Schier, Herke, Nickel, Egle & Hardt, 2015; Borchet, Lewandowska-Walter & Rostowska, 2016). Este processo é habitualmente caracterizado por um nível excessivo de preocupação com os membros da família e o sentimento de sobrecarga (Borchet, Lewandowska-Walter & Rostowska, 2016). A parentificação é um fenómeno comum em famílias psicossomáticas, quando um dos pais sofre de uma doença crónica, física ou mental (Minuchin, 1984; Borchet, Lewandowska-Walter & Rostowska, 2016). Tendo em conta os resultados obtidos neste estudo, sugiro que a relação entre o envolvimento dos filhos no conflito interparental e a depressão materna seja explicado pelo fenómeno de parentificação. O filho adolescente pode tornar-se numa fonte de apoio emocional para a mãe, que se encontra mais fragilizada pela depressão e menos capaz de desempenhar as suas funções na família, e interferir no conflito interparental com o intuito de proteger a mãe e, assim, manter o equilíbrio familiar.

H2: O conflito interparental estará directamente relacionado com o envolvimento dos filhos no conflito.

Relativamente à relação directa entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos no mesmo, esta hipótese foi parcialmente confirmada. Embora fosse esperada

a ocorrência de efeitos directos nos três modelos de psicopatologia parental, estes apenas foram observados no modelo ansiedade. Assim, os resultados parecem indicar que a ansiedade tem uma contribuição relevante para a relação entre o conflito dos pais e o envolvimento dos filhos no mesmo. Este fenómeno pode ser explicado pela maior externalização da ansiedade, quando comparada com a depressão, por exemplo. Indivíduos que sofrem de ansiedade generalizada apresentam sintomas físicos como tensão muscular, inquietação, fadiga, dificuldade de concentração, irritabilidade e distúrbio do sono (Heiden et al, 2011; DSM-5, 2014). A ansiedade generalizada é ainda caracterizada por preocupações persistentes e excessivas, que perturbam o funcionamento individual e possivelmente familiar, uma vez que pessoas ansiosas têm uma grande dificuldade em controlar as suas preocupações e tensão (DSM-5, 2014), transmitindo-as para as pessoas em seu redor.

Assim, os dados relativos ao modelo da ansiedade são consistentes com a literatura existente, visto que vários autores têm demonstrado que o conflito interparental se associa a elevados níveis de envolvimento dos filhos nas disputas dos pais (e.g. Fosco & Grych, 2010; Kunz & Grych, 2013).

Segundo a hipótese da segurança emocional, o conflito interparental destrutivo aumenta a insegurança dos filhos, motivando-os a combater esse sentimento (Davies & Cummings, 1994).

Tendo em conta os resultados deste estudo, que indicam uma associação positiva entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos no mesmo para o modelo de ansiedade, pode assumir-se que a segurança emocional dos filhos mas também dos pais assume um papel relevante para a compreensão desta relação. Estudos anteriores (e.g. Davies & Cummings, 1994; Lange & Franck, 2007) têm demonstrado o papel da ansiedade dos filhos na forma como estes lidam com o conflito interparental e nos esforços que crianças e adolescentes fazem para manter a sua segurança emocional. Contudo pouco se sabe sobre o papel da ansiedade paterna e materna no envolvimento dos filhos no conflito. Davies e colaboradores (2009) demonstraram a insegurança na relação como mediador da associação entre o conflito interparental e dificuldades sentidas nas práticas parentais paternas, sugerindo que a insegurança conjugal afecta a forma como os pais lidam com os filhos. Os resultados deste estudo indicam que a ansiedade vivida por pais e mães afecta o envolvimento dos filhos no conflito, não

ocorrendo o mesmo para outras formas de psicopatologia parental, como a hostilidade e depressão. Segundo Davies e colaboradores (2002), a segurança emocional dos filhos é afectada não apenas pela qualidade das interacções com os pais, mas também pela qualidade da relação conjugal. Por sua vez, é de esperar que a qualidade da relação conjugal dependa da segurança que o casal tem relativamente à sua relação. Desta forma, a segurança emocional dos pais está possivelmente ligada à segurança emocional dos filhos, afectando todo o sistema familiar.

H3: As raparigas serão mais envolvidas no conflito interparental do que os rapazes.

Vários estudos demonstraram o maior envolvimento das filhas no conflito interparental (e.g. Jacobvitz & Bush, 1996; Shelton, Harold, Goeke-Morey & Cummings, 2006; Elizur et al, 2007). Os autores têm sugerido várias explicações para este fenómeno, tais como a maior sensibilidade das raparigas em relação a questões interpessoais e a pressão social que as impele a uma maior preocupação com as pessoas que lhes são próximas.

Contudo, os dados analisados neste trabalho não são consistentes com as investigações anteriores. Os resultados indicam que não existem diferenças na relação conflito-envolvimento para rapazes e raparigas. Uma explicação possível para os resultados poderá estar relacionada com a idade dos filhos. Apesar de o envolvimento no conflito interparental poder estender-se à idade adulta, Amato e Afifi (2006) sugerem que o envolvimento tende a ser menos comum em filhos mais velhos do que em crianças. Assim, é possível que a idade elevada dos adolescentes que compõem a amostra deste estudo (M=15) possa ter contribuído para os resultados, não demonstrando qualquer efeito de género na relação conflito-envolvimento.

Evidências sugerem que o envolvimento no conflito interparental dificulta a autonomização dos filhos (Kunz & Grych, 2013). Tendo em conta que a independência face aos progenitores é uma necessidade inerente ao processo de desenvolvimento dos adolescentes, é possível que a ausência de diferenças entre rapazes e raparigas, relativamente ao envolvimento no conflito interparental, reflita esta maior procura de autonomia (e consequente afastamento face aos progenitores) que caracteriza o período da adolescência.

Limitações e Implicações Futuras

O presente estudo contribuiu para uma melhor compreensão do envolvimento dos filhos no conflito interparental e o papel da psicopatologia parental nessa forma de interacção familiar. Contudo, apresenta algumas limitações.

Contrariamente ao esperado, segundo as correlações obtidas neste trabalho, não existe uma relação entre o conflito interparental e o envolvimento dos filhos. De salientar que uma possível explicação para este resultado pode estar relacionado com o facto de o conflito interparental ter sido avaliado através de uma única variável, incluindo o conflito reportado por pais e mães. Tendo em conta as diferenças que foram surgindo ao longo da realização deste estudo, no que concerne à psicopatologia materna e paterna, considero que uma possível direcção para estudos futuros seria avaliar o conflito reportado pelas mães e pelos pais separadamente, de forma a esclarecer as dúvidas levantadas pelas correlações obtidas nesta investigação.

Outra limitação encontrada diz respeito a uma variável não controlada: a idade dos adolescentes. Esta variável pode ter afectado os resultados relativamente ao envolvimento no conflito interparental, sendo por isso algo a considerar. Quanto ao procedimento de aplicação dos protocolos, também apresentou alguns aspectos que deverão ser mencionados. Podem ter existido constrangimentos na resposta às questões, uma vez que os participantes preencheram aos questionários sem a presença dos investigadores, o que não permitiu assegurar que tenham sido respondidos em separado e de forma confidencial.

Apesar das suas limitações, este estudo apresenta contribuições para a investigação. Em primeiro lugar, foi a primeira vez que se estudou o papel da psicopatologia parental no envolvimento dos filhos no conflito interparental, contribuindo para um maior conhecimento nesta área. Em segundo lugar, os conhecimentos proporcionados por este trabalho podem vir a contribuir para um olhar diferente na intervenção clínica com famílias e casais em crise, salientando aspectos importantes da saúde mental dos pais que possam contribuir para o aumento ou manutenção do conflito, assim como das suas implicações para os filhos. De salientar ainda que sendo este estudo realizado com famílias intactas, os resultados obtidos sugerem que o envolvimento dos filhos no conflito também ocorre nas famílias ditas normativas e, como tal, deverão se sensibilizadas para esta questão.

Referências Bibliográficas

- Amato, P. R., & Afifi, T. D. (2006). Feeling Caught between Parents: Adult Children's Relations with Parents and Subjective Well-Being. *Journal of Marriage and Family*, (1). 222.
- American Psychiatric Association (2014). *DSM-5: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi.
- Baron, K. G., Smith, T. W., Butner, J., Nealey-moore, J., Hawkins, M. W., & Uchino, B. N. (2007). Hostility, Anger, and Marital Adjustment: Concurrent and Prospective Associations with Psychosocial Vulnerability. *Journal of Behavioral Medicine*, 30 (1), 1-10.
- Be, D., Whisman, M. A., & Uebelacker, L. A. (2013). Prospective associations between marital adjustment and life satisfaction. *Personal Relationships*, 20, 728–739.
- Biaggio, M. K., & Nielsen, E. (1976). Anxiety correlates of sex-role identity. *Journal of Clinical Psychology*, 32(3), 619–623.
- Borchet, J., Lewandowska-Walter, A., & Rostowska, T. (2016). Parentification in late adolescence and selected features of the family system. *Health Psychology Report*, 2, 116–127.
- Bradbury, T N., & Fincham, E D. (1992). Attributions and behavior in marital interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63,613- 628.
- Bradford, K., Barber, B. K., Olsen, J. A., Maughan, S. L., Erickson, L. D., Ward, D., & Stolz, H. E. (2003). A Multi-National Study of Interparental Conflict, Parenting, and Adolescent Functioning: South Africa, Bangladesh, China, India, Bosnia, Germany, Palestine, Colombia, and the United States. *Marriage & Family Review*, 35(3/4), 107-137.
- Buehler, C., Franck, K. L., & Cook, E. C. (2009). Adolescents' triangulation in marital conflict and peer relations. *Journal Of Research On Adolescence*, 19(4), 669-689.
- Buehler, C., Lange, G., & Franck, K. L. (2007). Adolescents' Cognitive and Emotional Responses to Marital Hostility. *Child Development*, 78(3), 775-789

Buehler, C., & Welsh, D. P. (2009). A process model of adolescents' triangulation into parents' marital conflict: The role of emotional reactivity. *Journal Of Family Psychology*, 23(2), 167-180.

Carr, A. (2006). *Family Therapy Concepts, Process and Practice*. West Sussex: John Wiley & Sons Ltd.

Choi, H., & Marks, N. F. (2008). Marital Conflict, Depressive Symptoms, and Functional Impairment. *Journal of Marriage and Family*. 70, 377-390.

Craig, L. (2006). Does Father Care Mean Fathers Share?: A Comparison of How Mothers and Fathers in Intact Families Spend Time with Children. *Gender & Society*, 20(2), 259–281.

Cummings, E. M., Cheung, R. M., Koss, K., & Davies, P. T. (2014). Parental depressive symptoms and adolescent adjustment: A prospective test of an explanatory model for the role of marital conflict. *Journal Of Abnormal Child Psychology*, 42(7), 1153-1166.

Cummings, E. M., & Davies, P. T. (1993). Maternal depression and child development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35(1), 73-112.

Cummings, E. M., Merrilees, C. E., & George, M. W. (2010). Fathers, marriages, and families: revisiting and updating the framework for fathering in family context. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* 5thEd. New York: Wiley.

Dallos, R., & Vetere, A. (2012). Systems theory, family attachments and processes of triangulation: Does the concept of triangulation offer a useful bridge?. *Journal Of Family Therapy*, 34(2), 117-137.

Davies, P. T., Coe, J. L., Martin, M. J., Sturge-Apple, M. L., & Cummings, E. M. (2015). The developmental costs and benefits of children's involvement in interparental conflict. *Developmental Psychology*, 51(8), 1026-1047.

Davies, P. T. & Cummings, E. M. (1994). Marital Conflict and Child Adjustment: An Emotional Security Hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 387-411.

Davies, P. T., & Forman, E. M. (2002). Children's patterns of preserving emotional security in the interparental subsystem. *Child Development*, 73(6), 1880-1903.

Davies, P. T., Forman, E. M., Rasi, J. A., & Stevens, K. I. (2002). Assessing Children's Emotional Security in the Interparental Relationship: The Security in the Interparental Subsystem Scales. *Child Development*, 73(2), 544–562

Davies, P. T., & Lindsay, L. L. (2004). Interparental Conflict and Adolescent Adjustment: Why Does Gender Moderate Early Adolescent Vulnerability?. *Journal Of Family Psychology*, 18(1), 160-170.

Davies, P., Sturge-Apple, M., & Cummings, E. (2004). Interdependencies among interparental discord and parenting practices: The role of adult vulnerability and relationship perturbations. *Development and Psychopathology*, 16, 773–797.

Davies, P. T., Sturge-Apple, M. L., Woitach, M. J. & Cummings, E. M. (2009). A Process Analysis of the Transmission of Distress from Interparental Conflict to Parenting: Adult Relationship Security as an Explanatory Mechanism. *Developmental Psychology*, 45, 1761-1773.

Davies, P. T., Winter, M. A., & Cicchetti, D. (2006). The implications of emotional security theory for understanding and treating childhood psychopathology. *Development and Psychopathology*, 18, 707–735.

Davies, P. T., & Woitach, M. J. (2008). Children's emotional security in the interparental relationship. *Current Directions In Psychological Science (Wiley-Blackwell)*, 17(4), 269-274.

Davila, J., Karney, B., Hall, T., & Bradbury, T. (2003). Depressive Symptoms and Marital Satisfaction: Within-Subject Associations and the Moderating Effects of Gender and Neuroticism. *Journal of Family Psychology*, 17(4), 557–570.

Driver, J. L., & Gottman, J. M. (2005). Daily Marital Interactions and Positive Affect During Marital Conflict Among Newlywed Couples. *Family Process*, 43(3), 301-314.

Du Rocher Schudlich, T. D., Papp, L. M., & Cummings, E.M. (2011). Relations Between Spouses' Depressive Symptoms and Marital Conflict: A Longitudinal Investigation of the Role of Conflict Resolution Styles. *Journal of Family Psychology*, 25(4), 531–540.

Dush, C .M. K., & Amato, P. R. (2005) Consequences of relationship status and quality for subjective well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(5), 607-627.

Elizur, Y., Spivak, A., Ofran, S., & Jacobs, S. (2007). A Gender-Moderated Model of Family Relationships and Adolescent Adjustment. *Journal Of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 36(3), 430-441.

El-Sheikh, M., Kelly, R., & Rauer, A. (2013). Quick to berate, slow to sleep: interpartner psychological conflict, mental health, and sleep. *Health Psychology*, 32(10), 1057–1066.

Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108–132.

Evans, J., Xu, K., Heron, J., Enoch, M.-A., Araya, R., Lewis, G., Timpson, N., Davies, S., & Goldman, D. (2009). Emotional Symptoms in Children: The Effect of Maternal Depression, Life Events, and COMT Genotype. *American Journal of Medical Genetics. Part B, Neuropsychiatric Genetics: The Official Publication of the International Society of Psychiatric Genetics*, 150B(2), 209–218.

Fincham, F. (2003). Marital Conflict: Correlates, Structure, and Context. *Current Directions In Psychological Science*, 12(1), 23-27.

Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2010). Marriage in the New Millennium: A Decade in Review. *Journal of Marriage and Family*, 72, 630 – 649.

Franck, K. L., & Buehler, C. (2007). A Family Process Model of Marital Hostility, Parental Depressive Affect, and Early Adolescent Problem Behavior: The Roles of Triangulation and Parental Warmth. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 614–625.

Fosco, G. M., & Grych, J. H. (2010). Adolescent Triangulation Into Parental Conflicts: Longitudinal Implications for Appraisals and Adolescent-Parent Relations. *Journal of Marriage and Family*, 72(2), 254-266.

Goodman, S.H., Brogan, D., Lynch, M. E., & Fielding, B. (1993). Social and Emotional Competence in Children of Depressed Mothers. *Child Development*, 64, 516-531.

- Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (1988). The social psychophysiology of marriage. In P. Noller & M. A. Fitzpatrick (Eds.), *Perspectives on marital interaction* (pp. 182-199). Clevedon, England: Multilingual Matters.
- Grysh, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and Psychopathology*, 16, 649–665.
- Harold, G. T., Shelton, K. H., Goeke-Morey, M. C., & Cummings E. M. (2004). Marital conflict, child emotional security about family relationships and child adjustment. *Social Development*, 13(3), 350-376.
- Hawkins, D. N., & Booth, A. (2005). Unhappily Ever After: Effects of Long-Term, Low-Quality Marriages on Well-Being. *Social Forces*, 84(1), 445-465.
- Heavey, C. L., Layne, C., & Christensen, A. (1993). Gender and conflict structure in marital interaction: A replication and extension. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61, 16-27.
- Heene, E. D., Buysse, A., & Oost, P. (2005). Indirect Pathways Between Depressive Symptoms and Marital Distress: The Role of Conflict Communication, Attributions, and Attachment Style. *Family Process*, 44(4), 413-440.
- Jacobvitz, D. B., & Bush, N. F. (1996). Reconstructions of family relationships: parent-child alliances, personal distress, and self-esteem. *Developmental Psychology*, (4), 732.
- Kiliç, E., Ozguven, H. D. & Sayl, I. (2003). The psychological effects of parental mental health on children experiencing disaster: the experience of Bolu Earthquake in Turkey. *Family Process*, 42(4), 485-495.
- Kunz, J. H., & Grych, J. H. (2013). Parental psychological control and autonomy granting: Distinctions and associations with child and family functioning. *Parenting: Science And Practice*, 13(2), 77-94.
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49, 25–44.
- Leon, K., & Rudy, D. (2005). Family processes and children's representations of parentification. *Journal of Emotional Abuse*, 5, 111–142.

- McLean, C. P., & Anderson, E. R. (2009). Brave men and timid women? A review of the gender differences in fear and anxiety. *Clinical Psychology Review*, 29, 496–505.
- Minuchin, S. (1974). *Families & Family Therapy*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Minuchin, S. (1984). *Family Kaleidoscope*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Newton, T. L., Kiecolt-Glaser, J. K., Glaser, R., & Malarkey, W. B. (1995). Conflict and withdrawal during marital interaction: The roles of hostility and defensiveness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21(5), 512-524..
- Papp, L.M., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E.M. (2007). Linkages between spouses' psychological distress and marital conflict in the home. *Journal of Family Psychology* 2007, 21(3), 533–537.
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2012). Marital satisfaction and partners' parenting practices: the mediating role of coparenting behavior. *Journal Of Family Psychology*, 26(4), 509-522.
- Proulx, C. M., Helms, H. M., & Buehler, C. (2007). Marital Quality and Personal Well-Being: A Meta-Analysis. *Marriage and Family*, 69, 576-593.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Schier, K., Herke, M., Nickel, R., Egle, U. T., & Hardt, J. (2014). Long-Term Sequelae of Emotional Parentification: A Cross-Validation Study Using Sequences of Regressions. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 1307-1321.
- Shelton, K. H., Harold, G. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2006). Children's Coping with Marital Conflict: The Role of Conflict Expression and Gender. *Social Development*, 15(2), 232-247.
- Stroud, C. B., Durbin, C. E., Wilson, S., & Mendelsohn, K. A. (2011). Spillover to triadic and dyadic systems in families with young children. *Journal of Family Psychology*, 25(6), 919–930.

Taylor, S. E., Klein, L. C., Lewis, B. P., Gruenewald, T. L., Gurung, R.A., & Updegraff, J.A.(2000). Biobehavioral responses to stress in females: Tend-and-befriend, not fight-or-flight. *Psychological Review*, 107, 411–429.

Van der Heiden, C., Methorst, G., Muris, P., & Van Der Molen, H. T. (2011). Generalized anxiety disorder: Clinical presentation, diagnostic features, and guidelines for clinical practice. *Journal of Clinical Psychology*, 67(1), 58–73.

Verma, R., Balhara, Y. P. S., & Gupta, C. S. (2011). Gender differences in stress response: Role of developmental and biological determinants. *Industrial Psychiatry Journal*, 20(1), 4–10.

Wang, L., & Crane, D. R. (2001). The Relationship Between Marital Satisfaction, Marital Stability, Nuclear Family Triangulation, and Childhood Depression. *American Journal Of Family Therapy*, 29(4), 337-347.

Williams, K. (2003). Has the future of marriage arrived? A contemporary examination of gender, marriage, and psychological well-being. *Journal of Health and Social Behavior*, 44, 470–487.

Whisman, M. A. (2007). Marital distress and DSM-IV psychiatric disorders in a population-based national survey. *Journal of Abnormal Psychology*, 116(3), 638–643.

Whisman, M. A., & Beach, S. H. (2012). Couple Therapy for Depression. *Journal Of Clinical Psychology*, 68(5), 526-535.

ANEXOS

ANEXO A – CONSENTIMIENTO INFORMADO

Consentimento Informado

“Relações familiares e bem-estar na adolescência:

Factores protectores e de risco em contexto de crise económica”

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração está a ser realizada por investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) (Marta Pedro e Rita Francisco).

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões conjugais na maioria das famílias, tornando mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes. Este estudo tem como objectivo investigar factores familiares e individuais que contribuam para minimizar o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar dos filhos. Pretende-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual. A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar.

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar. Fui informado(a) que tenho o direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim.

Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Rúbrica (*por favor não indicar o nome ou outro dado que permita a sua identificação*): _____

Data: ____ / ____ / ____

Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: mmpedro@fp.ul.pt

Rita Francisco, Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

ANEXO B – Protocolo de Investigação – Versão Pais



PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO
Versão Pais

Código | _ | _ | _ | _ |

QUESTIONÁRIO GERAL

Data ____ / ____ / ____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Sexo	2. Idade	3. Local de Residência
<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	____ anos	_____

4. Nível de escolaridade	5. Profissão	
<input type="checkbox"/> Até 4º ano	A) Estatuto ocupacional	B) Situação laboral actual
<input type="checkbox"/> 5º a 6º ano	• Trabalho a tempo inteiro <input type="checkbox"/>	• Desemprego <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> 7º a 9º ano	• Trabalho a tempo parcial <input type="checkbox"/>	• Reforma <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> 10º a 12º ano		• Trabalhador independente <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Licenciatura		• Trabalhador por conta de outrem <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Pós-licenciatura	Por favor indique a sua profissão _____	

6. Estado Civil

- ☐ Casado/União de Facto Há quanto tempo? _____ anos
- ☐ Recasado ou em nova união de facto Há quanto tempo? _____ anos
- ☐ Divorciado/Separado
- ☐ Solteiro
- ☐ Viúvo

7. Quantos filhos tem, de que idade e de que sexo? Indique se são filhos biológicos ou não.

8. Informação acerca do(a) filho(a) sobre o(a) qual vai responder ao questionário

Idade _____ Sexo _____ Ano de escolaridade _____

BSI (Derogatis, 1993; versão portuguesa de Canavarro, 1995)

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA OU SINTOMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA.

Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1	2	3	4	5

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:

1. Nervosismo ou tensão interior.	1	2	3	4	5
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.	1	2	3	4	5
9. Pensamentos de acabar com a vida.	1	2	3	4	5

...

A PARTIR DAQUI RESPONDA ÀS QUESTÕES FOCANDO-SE APENAS NO(A) FILHO(A) QUE TAMBÉM RESPONDEU AO QUESTIONÁRIO.

EHP (O'Leary & Porter, 1980; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2014)

Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
1	2	3	4	5

2. Muitas vezes os filhos vão ter com um dos pais para pedirem dinheiro ou autorização para fazerem alguma coisa, depois do outro pai lhes ter dito que não. Com que frequência diria que este(a) filho(a) tem este tipo de comportamento consigo ou com o(a) seu/sua companheiro(a) com sucesso?	1	2	3	4	5
3. Maridos e mulheres discutem frequentemente sobre como educar os filhos. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) discutem sobre a educação dos filhos à frente deste(a) filho(a)?	1	2	3	4	5
4. Com que frequência este(a) filho(a) vos ouviu a discutir [a si e ao(à) seu/sua companheiro(a)] acerca do papel da mulher na família? (tarefas domésticas, mães trabalhadoras, etc).	1	2	3	4	5

...

ANEXO C – Protocolo de Investigação – Versão Filhos



PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO

Versão Filhos

Por favor escreva no código abaixo:

- No **1º quadrado** escreva: a 1ª letra do seu nome
- No **2º quadrado** escreva: a 1ª letra do nome do seu pai
- No **3º quadrado** escreva: o dia em que nasceu
- No **4º quadrado** escreva: o número da porta da sua casa (se a sua casa não tiver número coloque um zero)

Exemplo: **Código** | J | M | 12 | 4 |

Código | _ | _ | _ | _ |

QUESTIONÁRIO GERAL

Data ____ / ____

/ ____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Sexo		2. Idade	3. Ano de escolaridade
<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino		____ anos	____ ano

4. Origem étnica	
<input type="checkbox"/> Caucasiana <input type="checkbox"/> Africana <input type="checkbox"/> Caucasiana-Africana <input type="checkbox"/> Asiático <input type="checkbox"/> Outra Qual? _____	

5. Zona de Residência Habitual			
<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Centro	<input type="checkbox"/> Grande Lisboa	<input type="checkbox"/> Arq. Madeira
<input type="checkbox"/> Algarve	<input type="checkbox"/> Alentejo	<input type="checkbox"/> Arq. Açores	<input type="checkbox"/> Outra _____

6. Com quem habita?		7. Irmãos
_____		Número de irmãos _____

8. É crente em alguma religião?	
<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim Qual? _____ É praticante? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	

9. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?	
<input type="checkbox"/> Nunca teve <input type="checkbox"/> Teve no passado <input type="checkbox"/> Tem actualmente	

10. Pais – Estado Civil	
10.1. Pai	10.2. Mãe
<input type="checkbox"/> Casado/União de facto	<input type="checkbox"/> Casada/União de Facto
<input type="checkbox"/> Divorciado/Separado	<input type="checkbox"/> Divorciada/Separada
<input type="checkbox"/> Viúvo	<input type="checkbox"/> Viúva
<input type="checkbox"/> Solteiro	<input type="checkbox"/> Solteira
<input type="checkbox"/> Não sei	<input type="checkbox"/> Não sei

11. Profissão dos pais	
Profissão do pai _____	Profissão da mãe _____

12. Nível de escolaridade dos pais	
Pai	Mãe
<input type="checkbox"/> Até 4º ano	<input type="checkbox"/> Até 4º ano
<input type="checkbox"/> 5º a 6º ano	<input type="checkbox"/> 5º a 6º ano

- | | |
|-------------------------------------------|-------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 7º a 9º ano | <input type="checkbox"/> 7º a 9º ano |
| <input type="checkbox"/> 10º a 12º ano | <input type="checkbox"/> 10º a 12º ano |
| <input type="checkbox"/> Licenciatura | <input type="checkbox"/> Licenciatura |
| <input type="checkbox"/> Pós-licenciatura | <input type="checkbox"/> Pós-licenciatura |

13. Notas do último período lectivo

Por favor escreva as notas de todas as suas disciplinas no último período lectivo

____ Período	
Disciplina	Nota

SIS (Davies et al., 2002; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2013)

Por favor responda às seguintes questões considerando o que se passou consigo no último ano. Responda a cada questão assinalando com um círculo a sua resposta.

1	2	3	4
Nada verdade para mim	Um pouco verdade	Mais ou menos verdade	Muito verdade

<i>Quando os meus pais discutem sinto-me...</i>				
1. Triste	1	2	3	4
2. Assustado(a)	1	2	3	4
3. Zangado(a)	1	2	3	4
<i>Quando os meus pais têm uma discussão...</i>				
11. Fico muito quieto, como se tivesse “congelado”	1	2	3	4
12. Tento esconder o que estou a sentir	1	2	3	4
13. Grito ou digo coisas desagradáveis a pessoas da minha família	1	2	3	4

...